

Hayek teria votado para sair

A UE dos dias de hoje vai muito além do que Hayek poderia imaginar sobre qual seria o papel legítimo de uma federação.

TRADUZIDO POR **Raquel Duque**

No nosso debate sobre o *Brexit* no IEA [Institute of Economic Affairs], o meu adversário e colega Diego Zuluaga apelou à autoridade da defesa de Friedrich Hayek de uma federação económica europeia como prova de que a UE deve ser algo que os adeptos do mercado livre devem apoiar. Porém, uma releitura do ensaio de Hayek “As Condições Económicas do Federalismo Interestatal” mostra claramente que a UE, tal como está atualmente constituída, não corresponde à sua visão. Por uma variedade de razões, algumas das quais simplesmente não poderiam ter sido previstas em 1939, tanto o desenvolvimento institucional da UE como o contexto de um mundo globalizado significam.

No contexto que antecedeu a Segunda Guerra Mundial talvez não fosse surpreendente que Hayek se centrasse na forma como as instituições europeias poderiam travar os excessos do nacionalismo. A sua visão era muito a de uma federação económica entre as nações europeias, com a manifesta intenção de proporcionar a paz através da prosperidade. Hayek acreditava que uma federação, sob a forma de uma zona onde fatores de produção e bens e serviços fossem capazes de circular livremente sob uma única moeda, conseguiria mais prosperidade através dos ganhos do co-



POR
Ryan Bourne

Institute of Economic
Affairs, London

mércio, aumentando a probabilidade de paz através quer da interdependência quer da riqueza crescente ao proteger a Europa de forças externas. Além disso, e mais importante, uma federação provaria ser um forte contrapeso à proteção nacionalista, devido à eliminação diretamente das proteções e à disciplina da concorrência interna criada através de Estados que são capazes de variar os seus sistemas fiscais e regulatórios. Evidentemente, em alguns aspetos, a UE é a realização da visão de Hayek. Na verdade, se analisarmos a conferência de Messina e o Tratado de Roma, a ideia original era quase exatamente como aquela que Hayek apresentou no referido ensaio e proveio sobretudo dos Ordoliberais na Alemanha e Itália.

Os defensores do mercado livre devem apoiar a livre circulação de bens, serviços, capital e trabalho que tem sido cumprida, e estes possivelmente contribuíram mais para a paz e prosperidade do que muitos eurocéticos admitiriam. As normas da legislação

do mercado único têm ajudado claramente a liberalizar alguns países. As regras relativas à ajuda estatal impedem os interesses nacionalistas mesquinhos, são proeminentes em algumas políticas europeias, caracterizadas por favoritismo e proteção. Estes são constrangimentos saudáveis aos governos, em favor da liberdade, que os adeptos do mercado livre devem apoiar. E, contudo, a UE dos dias de hoje vai muito além do que Hayek imaginaria ser o papel legítimo de uma federação. Como mencionei no meu discurso, longe de abraçar os princípios da diversidade, concorrência e subsidiariedade, que Hayek achava serem uma norma necessária, a UE, ao invés, tem uma agenda de harmonização e centralização, que vê a coordenação regulamentar de produtos como necessária para prevenir uma “corrida para o fundo”. Estes regulamentos são, geralmente, muito onerosos. O Tribunal de Justiça da União Europeia e as suas interpretações da lei têm visto a UE a envolver-se muito em processos de regulamentação, em áreas como o direito do trabalho, para impulsionar uma ‘Europa social’ (e se o relatório dos Cinco Presidentes for algo a seguir, em assuntos futuros como direito das falências e direitos de propriedade parece que a ideia deve continuar e, no entanto, acaba abruptamente). Isto é completamente desnecessário para proteger a liberdade económica.



A UE envolve-se em muitas tentativas de lidar com externalidades, apesar de estas tenderem a ser de natureza global (como as alterações climáticas) ou muito local (como a maior parte das outras matérias ambientais) - o que significa que a UE é um nível ineficiente de governo. E a UE tem-se revelado altamente protecionista enquanto união aduaneira, com protecionismo agrícola sustentado, tarifas externas comuns e uma abordagem burocrática lenta aos novos acordos de comércio livre (que provaram ser muito mais fáceis de acordar para Estados-nação independentes e ágeis). O pior de tudo, é que a natureza das instituições da UE é tal que uma reforma adequada é quase impossível. Dito francamente: a UE não é uma instituição de mercado livre. Se estou certo, e a UE está longe de ser um modelo de mercado livre, então o que correu mal em relação ao que Hayek procurava alcançar?

Em primeiro lugar, a UE decidiu responder às barreiras não-tarifárias ao comércio através não do uso das decisões do Tribunal Europeu para assegurar que a proteção era impossível onde era necessária, mas com harmonização regulatória. Isto eliminou o processo de descoberta associado à competição regulatória entre os países membros, e devido ao produtor e outros interesses, conduziu, no geral, a um nível mais elevado da regulação. Parte disto, ao menos, dependia da globalização e do desejo dos EUA de pressionar para a existência de leis e regulamentos harmonizados em algumas áreas a nível mundial.



**Dito francamente:
a UE não é uma
instituição de
mercado livre.**

**Mas se estou certo
e a UE está longe
de ser um modelo
de mercado
livre, então o que
correu mal em
relação ao que
Hayek procurava
alcançar?**

Mas isto torna a UE ou errada ou trivial. Em algumas matérias a UE insistiu na harmonização regulamentar, onde é desnecessária. Mas noutras matérias a UE acaba apenas por adotar regras gerais decididas noutras instâncias, onde diferentes nações são representadas como 1/28 de um representante da UE.

Em segundo lugar, enquanto Hayek estava certo em salientar os perigos das exigências para proteção de interesses nacionais, a sua visão subestimou o nível de oportunidade de outros interesses instalados (frequentemente de sectores ou grupos de países) que são capazes de beneficiar da centralização

do poder em Bruxelas. Há ainda, por exemplo, uma protecção significativa dos mercados agrícolas. Empresas e lobistas influenciam Bruxelas a passar barreiras não-tarifárias para isolá-los da concorrência exterior à união aduaneira (veja-se o aço e as chamadas exigências *anti-dumping*). Os *lobbies* ambientais fazem pressão para a criação de políticas de energia dispendiosas ao nível europeu apesar de estas nada fazerem para a resolução de problema global. Socialistas e sociais democratas utilizam a UE como um veículo para a 'Europa social'. Os países da Zona Euro tornaram-se um interesse instalado ao utilizar as instituições da UE para apoiar a moeda, mesmo quando isso implicou quebrar o Estado de Direito.

Por fim, a UE simplesmente ignorou os últimos trabalhos de Hayek, de oposição à ordem construtiva e a favor de uma evolução das instituições. Muitos projetos da UE, tais como o próprio Euro, têm sido impostos de cima para baixo, aparentemente ignorando as diferentes condições entre os países. Embora, indubitavelmente, ele tivesse visto virtude na natureza do 'dinheiro duro' do BCE, é difícil afirmar que nos resultados isso tenha reforçado a paz ou a prosperidade na Zona Euro. Longe de unir o continente politicamente, levou a tensões significativas entre muitos Estados-nação. O mesmo pode ser dito da forma como o *Brexit* se tornou numa possibilidade real, à medida que a UE vai usurpando poder sobre um conjunto de competências.

A visão Hayekiana de uma federação económica europeia foi uma ambição digna, mas um produto do seu tempo. Se Hayek ainda residisse na Grã-Bretanha, teria reconhecido que a realidade da UE como atualmente construída tem sido de uma burocracia distante com uma agenda centralizadora e harmonizadora construtivista, dominada por interesses sectoriais de lenta adaptação a um mundo rapidamente globalizado. Com a sua crença na mudança evolucionária, o seu respeito pelas tradições do *common law* do Reino Unido e as possibilidades tecnológicas da emergência de comércio global genuíno e de cooperação amigável, Hayek teria seguramente acreditado que a missão da Grã-Bretanha na UE estava completa e que era tempo de abraçar uma agenda globalista. ■